

GRANDES PROJETOS NA BÍBLIA E A RESISTÊNCIA DO POVO

*Gilvander Luís Moreira**

Resumo

Apresenta-nos um amplo leque de grandes e impopulares projetos descritos em perspectiva crítica pela Bíblia: a construção da Torre de Babel (Gn 11,1-9); o bezerro de ouro (Ex 32,1-35); o gigante de pés de barro do livro do profeta Daniel (Dn 2,1-49); o mercado no entorno do templo de Jerusalém (Mt 21,12-13); o comércio ao redor da deusa Ártemis na cidade de Éfeso (At 19,23-40) e o dragão do Apocalipse (Ap 12,1-12). Aquilo que é comum a todos estes textos é, justamente, a resistência popular aos megaprojetos idolátricos que visam não o bem das populações camponesas, da periferia dos grandes centros urbanos e das nações submetidas ao poder imperial.

Palavras-chave: *Megaprojetos. Resistência. Camponeses. Periferia. Poder. Imperialismo.*

Abstract

The article presents an enormous variety of great and unpopular projects described by the Bible in a critical perspective, such as: the construction of the Babel Tower (Gn 11,1-9); the golden calf (Ex 3,1-35); the giant with feet of clay from Daniel's book (Dn 2,1-49); the market around the Jerusalem Temple (Mt 21,12-13); business around the Artemis goddess at the city of Ephesus (Act 19,23-40) and the dragon from the Book of the Revelation (Re 12,1-12). As the common ground of all these texts we find the people's resistance to these idolatrous megaprojects, which do not seek the benefit of the rural population, of the people from the outskirts of major urban centers, and of those nations subjected to the imperial power.

Keywords: *Megaprojects. Resistance. Peasants. Periphery. Power. Imperialism.*

* Frei e padre da Ordem dos carmelitas; licenciado e bacharel em Filosofia pela UFPR; bacharel em Teologia pelo ITESP/SP; mestre em Exegese Bíblica pelo Pontifício Instituto Bíblico de Roma, Itália; doutorando em Educação pela FAE/UFMG; assessor da CPT, CEBI, SAB e Via Campesina; conselheiro do Conselho Estadual dos Direitos Humanos de Minas Gerais – CONEDH. E-mail: gilvanderlm@gmail.com – www.gilvander.org.br – www.freigilvander.blogspot.com.br – <http://www.twitter.com/gilvanderluis> – facebook: Gilvander Moreira.

Introdução: Grandes projetos, um tormento na vida dos pobres

Vivemos um tempo perigoso. O capitalismo, máquina de moer vidas, está funcionando a todo vapor triturando vidas de bilhões de pessoas e de outros seres da biodiversidade. Estamos em tempos de fundamentalismos, de céus povoados de anjos e entidades, de demônios por todos os lados, de gritaria de deuses, de promessas, de busca insaciável de bênçãos, de procissões, de peregrinações, de necessidade de expiação, de moralismos, de religiões sem Deus, de salvação sem escatologia, de cristianismos *light*, de libertações que não vão muito além da autoestima. Enfim, tempos de autoajuda, de dar um jeitinho para ir empurrando a vida.

Clamores ensurdecedores brotam dos porões da humanidade. A mãe Terra clama para ser salva, pois está sendo crucificada impiedosamente pelos grandes projetos capitalistas, enquanto as massas, omissas ou cúmplices, aceitam ser reduzidas a mão de obra barata e a mero consumidores do sistema. Medo, insegurança e instabilidade atingem a todos. Atualmente insiste em imperar uma mística antievangélica do descompromisso com os pobres. Estes, além de empobrecidos, são marginalizados, injustiçados e acusados de serem os responsáveis primeiros pela sua situação de miséria. Inverte-se a realidade: os verdugos tentam parecer bons samaritanos. As vítimas são consideradas vagabundas, irresponsáveis e bagueceiras.

A estrutura de violência e de exclusão fragmenta multidões, deixando as pessoas em cacos. É hora de recompor os cacos em um grande e articulado mosaico. É hora de reintegrar as nossas forças e nossas energias vitais. E, com um projeto popular para o Brasil, frearmos a avalanche do capital que, como um *tsunami*, vai devastando quase tudo.

Em 2014 no Brasil, e na maioria dos países do mundo, o povo vive sob as agruras e o tormento dos grandes projetos. Por aqui estes são executados em nome do PAC – Programa de Aceleração do Crescimento –, no Nordeste, apelidado de Programa de Ameaça às Comunidades. Dentre os grandes projetos do PAC, os de maior impacto são: as grandes barragens e usinas hidrelétricas, como as de Jirau e Santo Antônio, no Rio Madeira, em Rondônia; a barragem e hidrelétrica de Belo Monte, no rio Xingu, em Altamira, no Pará; a Transposição das águas do rio São Francisco; construção de vários portos e aeroportos e ampliação e modernização de outros; fusão de grandes empresas que concentram cada vez mais o capital e vão matando as pequenas empresas. Exemplos não faltam nas áreas de telecomunicações, de aviação, das construtoras, dos grandes supermercados, dentre muitos outros. Muitos pensam que esses projetos beneficiam todo o povo, mas, na realidade, tratam-se de infraestrutura para viabilizar o crescimento do

capital, hoje primordialmente nas garras de empresas transnacionais. Quase sempre esses grandes projetos são realizados por grandes empresas, mas por meio de financiamento público, via BNDES¹.

A chegada de um grande projeto é sempre envolvida por campanha publicitária espetacular que anuncia estar chegando à região uma alavanca de desenvolvimento social, geradora de emprego e que não irá causar grandes males à já tão sofrida natureza, à biodiversidade e às pessoas. Chefes da política, da economia e até da religião são cooptados e muita gente seduzida. Assim, a massa acolhe esses projetos como se fossem benfeitores que trarão emprego e melhorias sociais, mas, logo, descobre que se gera poucos empregos e, muitas vezes, em condições análogas à de escravidão. Acontece o que ensina a fábula do Escorpião e o Sapo, que diz: um escorpião pede a um sapo que o leve através de um rio. O sapo tem medo de ser picado durante a viagem, mas o escorpião argumenta que não há motivo para o sapo temer tal traição, pois, se picar o sapo, esse afundaria e o escorpião da mesma forma iria junto afogar. O sapo concorda e começa a carregar o escorpião, mas no meio do caminho o escorpião, de fato, aferroa o sapo, condenando ambos. Quando perguntado por que, o escorpião responde que esta é a sua natureza. Isso mesmo: a natureza do capitalismo é aferroar vidas o tempo todo e cada vez com mais veneno. O funcionamento do capitalismo exige expansão, crescimento sem limites. Isso é impossível, pois a natureza precisa de tempo para se recuperar das agressões. A mercadoria, base da acumulação do capital, destrói o ambiente e explora os trabalhadores. Portanto, não dá mais para acreditar que na nossa caminhada na vida o capitalismo seja a melhor companhia.

Por tudo isso, é um imenso desafio enfrentar o poder opressivo do capital diante desses megaprojetos. Voltando o nosso olhar atentamente para as narrativas bíblicas, percebemos que o povo da Bíblia também experimentou na própria pele as agruras de grandes projetos. Resgatar um pouco do que foram esses grandes projetos e como o povo bíblico resistiu diante deles talvez possa inspirar em nós táticas e estratégias para o enfrentamento aos grandes projetos, hoje.

1. Grandes projetos na Bíblia

Na Bíblia encontramos narrativas de muitos grandes projetos, entre os quais destacamos seis: 1) A Construção da Torre de Babel (Gn 11,1-9); 2) A construção de um bezerro de ouro (Ex 32,1-35); 3) O gigante de pés de barro do livro do profeta Daniel (Dn 2,1-49); 4) O mercado no entorno do templo de Jerusalém (Mt 21,12-13); 5) O comércio ao redor da deusa Ártemis na cidade de Éfeso (At 19,23-40); 6) O dragão do Apocalipse (Ap 12,1-12).

1. Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social. Mas o “social” está esquecido, desenvolve-se o econômico às custas do social.

Olhemos um pouco para esses grandes projetos na Bíblia na esperança de que possam inspirar posturas e compromissos na militância pela construção de uma sociedade justa e solidária diante dos grandes projetos, hoje.

1.1 Em uma cidade grande, uma Torre de Babel (Gn 11,1-9)

Óbvio que não podemos encarar a narrativa bíblica de Gn 11,1-9 como se fosse um relato histórico, uma crônica jornalística de algo acontecido tal e qual. Gn 11,1-9 é uma narrativa bíblica e como tal reflete a experiência bíblica de um povo oprimido, mas portador de uma fé libertadora.

Segundo o biblista Milton Schwantes², a narrativa de Gn 11,1-9 reflete uma oposição entre os construtores da cidade e os camponeses, rivalidade que demonstra a contradição entre o projeto de cidade mercado e o projeto da classe camponesa que se pauta pela solidariedade e justiça nas relações humanas.

Atualmente lutamos pela unidade das lutas dos trabalhadores da cidade e do campo, mas a base dessa unidade não pode ser a mesma de Babel, ou seja, de um projeto integrador de tipo etnocêntrico e nem imperialista.

Mas prestemos atenção em alguns detalhes da narrativa de Gn 11,1-9. Diz-se no texto que “*o mundo inteiro falava a mesma língua, com o mesmo vocabulário*” (Gn 11,1). Era o pensamento único. Claro que isso nunca aconteceu em nenhum país do mundo e nem acontecerá. Sempre há uma enorme diversidade de línguas, culturas e formas de viver a vida. Não é preciso nem sair do Brasil para experimentar o esplendor e a diversidade de línguas e culturas regionais. Basta ir a regiões diferentes dentro do mesmo estado.

Mais à frente, diz a narrativa de Gn 11,1-9: construíram uma grande cidade e nesta almejavam construir uma torre que pudesse acessar aos céus, uma espécie de templo que viabilizasse contato direto com o ser supremo. Queriam ser autossuficientes, independentes. Dominar, dominar ... Mas o autor – ou autores e autoras – do livro de Gênesis faz questão de dizer que Javé, o Deus solidário e libertador, não ficou inerte. Desceu e veio ver o que estava acontecendo. Javé descobriu o tendão de Aquiles deles: “*era um só povo e falavam a mesma língua*” (Gn 11,6). Diante do pensamento único, da mesma ideologia, foi fácil inocular sementes de resistência. O povo fez a experiência divina de que deviam diversificar as línguas e formar outros povos. Assim, com outras línguas, culturas e diferentes formas de viver e conviver foi bloqueado aquele projeto que visava à onipotência e à autossuficiência.

Se olharmos bem à nossa volta há muitas outras línguas e culturas sendo gestadas. Basta não alimentarmos o pensamento único do capital, na era do ca-

2. Cf. o livro de Milton Schwantes *Projetos de esperança – meditações sobre Gênesis 1-11*.

pitalismo neoliberal. Ao longo da história e atualmente os grandes projetos são torres de Babel, mas terão pernas curtas, não irão adiante, pois a luz e a força divina brilham no povo que está nas lutas coletivas jogando areia na engrenagem desses projetos de morte.

1.2 Um bezerro de ouro como deus (Ex 32,1-6)

O “episódio” do bezerro de ouro colocado como um deus se situa dentro de um projeto maior e mais amplo, que é o projeto dos faraós e dos grandes do Egito: construir as cidades, as pirâmides, enfim, fortalecer a opressão da classe trabalhadora. Isso, segundo a Bíblia, foi o estopim para o Êxodo, que é o projeto do Deus Javé que pede adesão dos oprimidos, os hebreus. Estes resistiram durante séculos e de vez em quando bloquearam ou boicotaram o projeto dos faraós.

Após escapular das garras do imperialismo dos faraós do Egito, no deserto, sentindo a falta do líder Moisés, o povo, que já tinha amargado uns 500 anos debaixo do megaprojeto dos faraós, escorregou e caiu feio. Resolveu manipular Javé, Deus solidário e libertador dos oprimidos. Pressionou outra liderança já cooptada, Aarão: *“Faça para nós um deus que caminhe à nossa frente”* (Ex 32,1). As primeiras comunidades cristãs, sentindo as agruras dos templos de Jerusalém e de outros templos do Império Romano, e também sob o tormento da sinagoga enrijecida, ao fazer retrospectiva histórica, recordam que o povo “voltou” ao Egito ao dizer a Aarão: *“Faça para nós deuses que nos guiem, porque não sabemos o que aconteceu com esse Moisés que nos tirou do Egito”* (At 7,40). Projeto estúpido, pois como pode a criatura criar o criador? Queriam reduzir Javé a um ídolo, deus manipulável. Mas com o que seria feito o ídolo? *“Tirem os brincos de ouro de suas mulheres, filhos e filhas, e tragam aqui”* (Ex 32,2), bradou Aarão, em uma postura populista. Triste. Com o luxo da minoria fizeram a estátua de um bezerro de ouro. Pior: saudaram o ídolo construído mentindo: *“Israel, este é o seu deus, que tirou você do Egito”* (Ex 32,4). Desencadeou-se uma cascata de idolatria. Construíram altar diante do bezerro de ouro (Ex 32,5). Pararam de marchar no deserto rumo à terra prometida. Ofereceram holocaustos e sacrifícios. Ao invés de levantar-se para caminhar, o povo sentou-se, não para assembleiar-se, nem para uma celebração libertadora, levantou-se, não para marchar, mas para se divertir, “para comer e beber”, sobre o que apregoa os sistemas de morte. Era a recaída no sistema do imperialismo egípcio. Era a reintrojeção e assimilação dos ídolos que tanto os oprimiam. Atos dos Apóstolos diz: *“voltaram ao Egito”* (At 7,39), ao fazer o bezerro de ouro e cultuá-lo em uma megaidolatria.

O episódio do bezerro de ouro ganha para nós uma atualidade maior porque é uma distorção ou corrupção da adoração ao Deus da Bíblia, ou seja, Javé. Não é a adoração a um ídolo qualquer, um deus cananeu (El, o touro) simplesmente. Aarão diz ao povo: *“Esse é o deus que te tirou do Egito”*. O ídolo javista é pior do que o ídolo estrangeiro, porque é mais camuflado e menos claro. Atualmente

a idolatria nem sempre é adorar deuses falsos e sim adorar o Deus verdadeiro de uma maneira falsa.

Há muitas narrativas bíblicas que versam sobre a rebeldia do povo durante a caminhada de libertação no deserto rumo à terra prometida. Inúmeras vezes o povo recai e resolve voltar ao *modus vivendi* do Egito opressor. Moisés intercede a Javé pedindo que perdoe o povo. Deus perdoa inúmeras vezes, mas a idolatria do bezerro de ouro é um divisor de águas na postura de Javé. Se antes da confecção do ídolo bezerro de ouro, Javé sempre perdoava, agora, após o bezerro de ouro, Javé não perdoará mais, porque o povo se tornou cabeça dura. Inicia-se a profecia de julgamento, da ira de Javé. Logo, buscar manipular o Deus da vida, mistério de infinito amor, é algo inadmissível. É fechamento no egocentrismo.

No discurso mais radical e revolucionário de Atos dos Apóstolos, Estêvão, na iminência de ser linchado, discursa se defendendo: “... *Naqueles dias, construíram um bezerro, ofereceram um sacrifício ao ídolo e celebraram a obra de suas próprias mãos*” (At 7,41). Estêvão cita a idolatria no deserto para afirmar que desde a origem o povo de Deus tem sido rebelde e propenso a voltar-se para os ídolos.

Parte do povo da Bíblia não somente adorou um bezerro de ouro, mas também “hostes do céu” (cf. 1Rs 22,19; Jr 7,18; 19,13; Ne 9,6 (LXX), o que denota estrelas e outros corpos celestiais e alguns espíritos ou anjos que governam os seus movimentos (At 7,42).

Sem lideranças autênticas a marcha libertária não prossegue. Moisés, possuído por uma ira santa, queima o bezerro de ouro e o transforma em pó. Com idolatria não se brinca. Militante que é apaixonado pela causa dos oprimidos e com eles comunga as lutas libertárias deve ter a grandeza de gritar quando a luta se desencaminha como bradou Moisés: “*Quem estiver do lado de Javé, venha até mim*” (Ex 32,26).

1.3 Estátua gigante de pés de barro e uma pedrinha que vem da montanha (Dn 2,1-49)

Na Bíblia, o livro de Daniel é um escrito apocalíptico, profecia em outros moldes. Quando o maior inimigo se torna internacional e, por isso, invisível, a profecia muda de tática e de estratégia: prioriza a linguagem simbólica. O livro de Daniel foi escrito provavelmente no 2º século antes de Cristo, época em que o rei Antíoco IV estava empurrando goela abaixo do povo a cultura grega e para isso era preciso pisar na cultura popular, nos valores e costumes do povo semita judaico. Está em baila o conflito entre o helenismo e a cultura camponesa religiosa oriunda dos povos da Bíblia. Assim, o livro de Daniel está no contexto da introdução da cultura hegemônica e dominante e a resistência cultural das comunidades inspiradas na caminhada bíblica.

Daniel objetiva cultivar a esperança em tempos de grandes projetos transnacionais e visa sustentar a resistência dos oprimidos contra seus opressores. O livro de Daniel, capítulos 1 a 6, mostra como ele e os seus companheiros resistiram aos poderosos do império e, assim, foram salvos. Daniel carrega uma profunda convicção de fé: o único poder é o de Deus, e só ele é o dono da história. Todos os outros poderes, por maiores que sejam, podem ser derrubados pelos que acreditam na força infinita do Deus da vida que age em nós e a partir de nós (Dn 2,31-47).

Manter a identidade camponesa, a fé em Javé, Deus solidário e libertador; cultivar os valores oriundos do deserto, tal como “ser vegetariano e não comer carne”, é o caminho para a libertação/salvação. A resistência inicia-se pela comida. Não comer a comida do império, mas a comida de verdade, que é a dos nossos pais, avós, bisavós, nossos ancestrais (cf. Dn 1). Eis um dos caminhos que leva à libertação dos opressores.

Em Dn 2, o rei Nabucodonosor treme na base por causa de um sonho enigmático. Assustado, o rei exige que os sábios – magos, astrólogos, agoureiros e advinhos – digam a ele qual foi o sonho que ele teve e a interpretação do sonho. “O rei nos exige algo sobre-humano”, dizem. Diante da negativa dos “sábios”, o rei ordena pena de morte para todos os sábios da Babilônia. Condenado à morte, Daniel pede um prazo para interpretar o sonho. Em uma visão, Deus revela o mistério do sonho a Daniel, que fica grato (Dn 2,20-23). Levado diante do rei, Daniel desmascara o pretense poder dos sábios, astrólogos, magos e advinhos. Ele disse: “*Não são capazes de desvendar o segredo que Vossa Majestade lhes propôs. Mas há no céu um Deus que revela os segredos*” (Dn 2,27-28). Trata-se de luta pela afirmação do Deus do povo oprimido e o desvencilhamento dos ídolos de todos os impérios. Daniel contou ao rei o que acontecerá nos últimos dias, no futuro.

Daniel apresentou ao rei o que foi visto na visão: era uma grande estátua, alta e muito brilhante. Ela estava bem à frente de Vossa Majestade e tinha aparência impressionante. Cabeça de ouro maciço, o peito e os braços de prata, a barriga e as coxas de bronze, as canelas de ferro e os pés, parte de barro e parte de ferro (cf. Dn 2,31-33). Eis que, sem ninguém jogar, uma pedra caiu nos pés da estátua e os quebrou. Tudo virou palha, pó. A pedra se transformou em uma enorme montanha.

O profeta Daniel deu ao rei a seguinte interpretação: “Vossa Majestade, rei dos reis, é a cabeça de ouro. Após Vossa Majestade, aparecerá outro reino, menor que o seu, depois, um terceiro, de bronze. O quarto reino será duro como ferro, mas esse reino terá pés de barro e ferro, forte por um lado, mas fraco, por outro; reino dividido. Por isso se desmoronará. Deus suscitará um reino que nunca será destruído. Esse reino é o da pedra que rolou da montanha sem ninguém tocá-la e esmigalhou o que era de barro, ferro, bronze, prata e ouro” (Dn 2,37-45).

O capítulo 2 de Daniel termina dizendo que o rei prostrou-se diante dele e reconheceu a sua profecia. Tentou cooptá-lo propondo fazê-lo governador de todas as províncias da Babilônia, mas ele não aceitou. Sugeriu que o poder fosse exercido por outras lideranças da sua confiança (de Daniel).

Em contextos políticos de poderosos exercendo o poder, pretendendo ser onipotentes, é tremendamente revolucionário afirmar com o profeta Daniel que o único poder é o de Deus, e só ele é o dono da história. Assim, ele deslegitima os pretensos poderosos e afirma outro poder que não é o exercido por nenhum ser humano. Mas, segundo a Teologia da Libertação, o único poder que Deus tem é o poder do amor. Logo, o poder do Deus da vida está em nós, permeia e perpassa a trama das relações humanas. O divino está no humano. Sem a participação humana tecendo novas relações e construindo instituições com o poder democratizado não é possível fazer desmoronar os podres poderes. A beleza espiritual da profecia de Daniel, a estátua gigante e a pedrinha, é dizer: a última palavra será da vida, da liberdade e não dos podres poderes. Isso suscita esperança e faz a luta continuar.

O eixo da literatura apocalíptica de caráter histórico é o confronto Império-Povo. Por isso a teologia apocalíptica é sempre teologia política, literatura de esperança. Sempre se anuncia o juízo de Deus, que põe fim à situação de opressão. O fim será a destruição da estátua gigante e a instauração do Reino de Deus.

No capítulo 2 do livro de Daniel o reino de Deus, que é reino da justiça, da paz e da solidariedade, é simbolizado por uma pedra que se desprende da montanha sem intervenção de mão humana e destrói a estátua gigantesca que representa os impérios e que, depois de destruí-la, se transforma em um grande monte que encheu toda a terra. A pedra que se desprende da montanha e destrói a estátua representa o povo dos mártires e nos lembra todas as conquistas libertárias já havidas na história.

Por que a pedrinha vem da montanha? Em todas as religiões, inclusive no judaísmo e no cristianismo, a montanha é o lugar do encontro com Deus, consigo mesmo, com o próximo e com todas os outros seres vivos.

1.4 Templo de Jerusalém, centro religioso-político-econômico e cultural da Palestina

Segundo as comunidades cristãs do quarto evangelho, levou-se 46 anos para que o templo de Jerusalém fosse reconstruído pelo governador Herodes o Grande (Jo 2,20), que mandou construir a fortaleza Antônia, em um dos vértices do Templo de Jerusalém, o que foi considerado por muitos judeus como uma profanação ao modelo do templo construído pelo rei Salomão. A história indica que a reconstrução iniciou-se no ano 18 antes de Cristo e terminou em 65 depois de Cristo, com o rei Herodes Agripa. Herodes mandou colocar no templo várias esculturas

pagãos do Império Romano, inclusive a Águia Imperial, o que motivou a ira de jovens judeus que se amotinaram e foram, por isso, presos e queimados vivos, a mando do rei Herodes Agripa. Essa foi uma obra faraônica que exigiu o trabalho de cerca de 10 mil operários diariamente.

Na época de Jesus, Jerusalém tinha cerca de 30 mil pessoas. O templo era meio de vida para muita gente, pois gerava emprego para cerca de 18 mil pessoas; era símbolo de identidade; lugar de comércio com lucro abusivo; lugar de carestia: de 3 a 6 vezes mais do que no interior da Palestina; lugar de cobrança de Impostos (de 25% a 50%); centro de peregrinação; morada de Deus no meio das comunidades.

O templo de Jerusalém era centro de romarias e peregrinações. Foi destruído pelos romanos, sob o comando do General Tito Flávio, nos anos 70, e outra vez em 135 dC. Bastante suntuoso, o templo era composto de degraus, pórticos e tabernáculo com o Santo dos Santos, com arca da aliança e as tábuas da Lei. Muitos consideravam o templo como a morada de Deus no meio do povo. No Santo dos Santos só o sumo sacerdote entrava uma vez por ano. Era o lugar mais sagrado do mundo. Para consertar o Santo dos Santos os operários tinham que ser pendurados e baixados para não pisar no chão sagrado.

Os judeus rasgavam suas roupas ao verem o Templo pela primeira vez. Ainda hoje na hora do casamento, o noivo precisa quebrar um prato para lembrar a todos a tristeza que sente pela perda do Templo. Os judeus de todo o mundo ao orarem se voltam para Jerusalém.

Na época de Jesus, estima-se que a população da Palestina era 600 mil habitantes. Em Jerusalém, 30 mil. Na Páscoa, Jerusalém chegava a receber 180 mil pessoas. Além disso, havia mais de 7 mil sacerdotes na Palestina, a maioria em Jerusalém, divididos em 24 grupos que se revezavam nos trabalhos do Templo.

A Aristocracia de sacerdotes e os saduceus administravam o tesouro do Templo. Historiador da época das primeiras comunidades cristãs, Flávio Josefo fala que na época de Jesus havia inflação, salários baixos, greves e revoltas populares. Josefo descreve assim o templo construído por Herodes: “O exterior arrebatava os olhos e o espírito. Por estar recoberto de ouro, refletia desde o amanhecer a luz do sol tão intensamente, que obrigava a afastar a vista aos que queriam observá-lo. Aos estrangeiros que chegavam parecia uma montanha de neve, pois onde não estava coberto de ouro brilhava mármore branquíssimo. O cimo estava eriçado de pontas de ouro afiadas para impedir que as aves pousassem e sujasse o teto. Algumas das pedras da construção tinham vinte metros de comprimento...”³

A Revolta popular de 66 dC, liderada pelos zelotas, foi o estopim da Guerra Judaica, visava também destruir os arquivos do Templo onde estavam registradas as dívidas do povo e os impostos.

3. Guerra judaica, V, 222.

Enfim, o templo de Jerusalém era o centro religioso-econômico e cultural da Palestina, era também centro político, pois aí se reunia o Sinédrio, sob a chefia do Sumo Sacerdote, vitalício e quase sempre do grupo dos saduceus, os maiores detentores do poder econômico da época. Tudo parecia inquestionável, mas ...

As propostas religiosas realizadas no templo de Jerusalém ou em torno dele – sacrifícios, louvação, rituais etc. – nos lembram muitas práticas religiosas da atualidade: tempos de fundamentalismos, de céus povoados de anjos e entidades, de demônios por todos os lados, de gritaria de deuses, de promessas, de busca insaciável de bênçãos, de procissões, de peregrinações, de necessidade de expiação, de moralismos, de religiões sem Deus, de salvação sem escatologia, de cristianismos *light*, de libertações que não vão muito além da autoestima.

1.4.1 De forma clandestina, Jesus e os seus entram em Jerusalém

Após uma longa marcha da Galileia a Jerusalém (Lc 9,51–19,27), Jesus e o seu movimento estão às portas daquela cidade. De forma clandestina, não confessando os verdadeiros motivos, Jesus e o seu grupo entram em Jerusalém, narra o Evangelho de Lucas (Lc 19,29-40). De alguma forma deve ter acontecido essa entrada de Jesus na capital Jerusalém, pois a narrativa com algumas diferenças e muitas semelhanças está nos quatro evangelhos (Lc 19,29-40; Mt 21,1-11; Mc 11,1-11; Jo 12,12-16). Esse tom midráxico torna presente e viva uma profecia do passado, ainda que provavelmente não tenha acontecido tal como narrado pelo evangelho.

Dois discípulos recebem a tarefa de viabilizar a entrada na capital, de forma humilde, mas firme e corajosa. Deviam arrumar um jumentinho – meio de transporte dos pobres –, mas deviam fazer isso disfarçadamente, de forma “clandestina”. O texto repete o seguinte: “Se alguém lhes perguntar: ‘Por que vocês estão desamarrando o jumentinho?’, digam somente: ‘Porque o Senhor precisa dele’”. A repetição indica a necessidade de se fazer a preparação da entrada na capital de forma clandestina, sutil, sem alarde. Se dissessem a verdade, a entrada em Jerusalém seria proibida pelas forças de repressão.

Com os “próprios mantos” prepararam o jumentinho para Jesus montar. Foi com o pouco de cada um/a que a entrada em Jerusalém foi realizada. A alegria era grande no coração dos discípulos e discípulas. “Bendito o que vem como rei” (Lc 19,38). Viam em Jesus outro modelo de exercer o poder, não mais como dominação, mas como gerenciamento do bem comum.

Ao ouvir o anúncio dos discípulos – um novo jeito de exercício do poder – certo tipo de fariseu se incomoda e tenta sufocar aquele evangelho. Hipocritamente chamam Jesus de mestre, mas querem domesticá-lo, domá-lo. “Manda que teus discípulos se calem” (Lc 19,39), impunham os que se julgavam salvos e os mais religiosos. “Manda...!” Dentro do paradigma “mandar-obedecer”, eles são

os que mandam. Não sabem dialogar, mas só impor. “Que se calem!”, gritam. Quem anuncia a paz como fruto da justiça testemunha fraternidade e luta por justiça, o que incomoda o *status quo* opressor. Mas Jesus, em alto e bom som, com a autoridade de quem vive o que ensina, profetisa: “Se meus discípulos (profetas) se calarem, as pedras gritarão” (Lc 19,40). Esse alerta do galileu virou refrão de música das Comunidades Eclesiais de Base: “Se calarem a voz dos profetas, as pedras falarão. Se fecharem uns poucos caminhos, mil trilhas nascerão... O poder tem raízes na areia, o tempo faz cair. União é a rocha que o povo usou pra construir...!”

1.4.2 Jesus chuta o pau da barraca do deus capital

Os quatro evangelhos da Bíblia⁴ narram que Jesus, próximo à maior festa judaico-cristã, a Páscoa, impulsionado por uma ira santa, invadiu o templo de Jerusalém, lugar mais sagrado do que os templos da idolatria do capital que muitas vezes têm a cruz de Cristo pendurada em um ponto de destaque. Furioso, como todo profeta, ao descobrir que a instituição tinha transformado o Templo em uma espécie de Banco Central do país + sistema bancário + bolsa de valores, Jesus “fez um chicote de cordas e expulsou todos do Templo, bem como as ovelhas e bois, destinados aos sacrifícios. Derramou pelo chão as moedas dos cambistas e virou suas mesas. Aos que vendiam pombas (eram os que diretamente negociavam com os mais pobres porque os pobres só conseguiam comprar pombos e não bois), Jesus ordenou: “Tirem estas coisas daqui e não façam da casa do meu Pai uma casa de negócio”. Essa ação de Jesus foi o estopim para sua condenação à pena de morte, mas Jesus ressuscitou e vive também em milhões de pessoas que resistem em face de toda forma de opressão.

Enfim, eis a resistência do povo frente ao Templo mercantilizado: entrada em Jerusalém e expulsão dos vendilhões do templo. Isso muito nos inspira na luta diante dos templos de hoje, sejam eles religiosos, políticos ou econômicos. Importa pouco os rótulos.

1.5 A deusa Ártemis no templo de Artemision na cidade de Éfeso

Para entender bem a dimensão e o significado do culto à deusa Ártemis, na cidade de Éfeso, na Ásia Menor, é bom considerar que a deusa Ártemis aparecia na sua estátua com a parte superior coberta por numerosos peitos que representavam a fecundidade da deusa. Sobre a cabeça, havia uma meia-lua. A estátua de Ártemis estava no meio do Artemision, imenso templo de 120 metros por 70, rodeado por 128 colunas de 19 metros de altura. O Artemision era o centro fervoroso de toda a região da Ásia Menor. As peregrinações e romarias ao Artemision

4. Mt 21,12-13; Mc 11,15-19; Lc 19,45-46 e Jo 2,13-17.

davam trabalho e riqueza a uma multidão de artesãos e comerciantes. Algo parecido com os grandes santuários religiosos da atualidade ou com os “santuários” da idolatria do mercado: os Shopping Centers.

O templo de Ártemis tinha muitas semelhanças com o templo de Jerusalém. A cidade de Éfeso era famosa por sua deusa Ártemis, o que representava a base de um nacionalismo religioso local. A idolatria popular estava ligada à economia, ao templo e à cidade. Tudo girava em torno de uma estrutura econômica de produção de artesanato religioso, que proporcionava grande lucro aos seus produtores. Por isso, os que lucravam com o templo da deusa Ártemis percebem que o Evangelho do apóstolo Paulo será um perigo mortal para seus lucros, para o templo, para a deusa e para a cidade.

O projeto de Jesus Cristo, anunciado pelo apóstolo Paulo, consola os aflitos e aflige os consolados, porque tem implicações político-econômico-culturais. As comunidades cristãs procuram viver um espírito de partilha, que se concretiza na socialização dos bens econômicos (cf. At 2,44-45; 4,32-37). Como consequência, torna-se cada vez mais claro que os interesses econômicos baseados no lucro são idolatria e se contrapõem ao Evangelho (cf. 8,18-23; 16,16-24; 19,13-19). De fato, o lucro de uns custa o sangue de muitos.

1.5.1 O apóstolo Paulo enfrenta a idolatria da deusa Ártemis

O apóstolo Paulo está desempenhando sua missão e se vê no meio de um tumulto em Éfeso, um episódio das missões paulinas em um contexto diferente. “*Assim, a Palavra do Senhor crescia e se firmava poderosamente*” (At 19,20). Com este refrão a missão evangelizadora de Paulo se completa. Podemos perguntar: por que o autor de Atos dos Apóstolos insere o relato da revolta dos ourives entre a decisão de Paulo de partir de Éfeso (At 19,21) – subir a Jerusalém – e a sua partida de fato (At 20,1)? Lucas, possível autor da obra lucana (Lc e At), gosta de intercalar um relato em meio a uma narração diferente⁵. Ele prefere colocar a revolta dos ourives dentro da subida de Paulo a Jerusalém, e não dentro das missões de Paulo, para reforçar a tese segundo a qual o caminho da legalidade é o mais favorável para a evangelização ir conquistando espaços dentro do monstro que é o Império Romano.

Segundo o autor de Atos dos Apóstolos a evangelização de Éfeso termina em At 19,20. Logo o tumulto ocorrido em Éfeso por causa do ensinamento de Paulo não pertence mais aos relatos missionários de Paulo, mas ao relato da sua “paixão”⁶ no caminho para Jerusalém. Em Éfeso acontece um conflito entre a idolatria de um mercado com “capa religiosa” e o evangelho anunciado por Pau-

5. Por exemplo, 12,1-24 é intercalado no relato diferente, que começa em 11,29-30 e continua em 12,25.

6. A “paixão” de Paulo, propriamente dita, será relatada de 21,16–28,31.

lo⁷. Por outra perspectiva, podemos dizer que o conflito em Éfeso se dá entre a proposta cristã e o politeísmo tradicional que conserva grande força de atração sobre o povo.

Nos últimos acontecimentos em Éfeso está a Revolta dos artesãos (At 19,23-40). “*Houve um grande tumulto por causa do Caminho*” (At 19,23)⁸. Provavelmente os primeiros cristãos e cristãs eram encarados como o grupo do Caminho, porque eram caminheiros, missionários que estavam sempre viajando. O tumulto teria ocorrido porque o evangelho de Paulo provocava queda na venda dos objetos religiosos e colocava em risco a vida da cidade, do templo de Ártemis e do mercado em torno do sagrado. Uns tentam criar um tumulto para “linchar” o apóstolo Paulo e seus companheiros. Outros preferem seguir a rota da legalidade, denunciando Paulo diante das instâncias jurídicas da cidade e deixando correr um processo legal.

Saída pela ilegalidade ou pela legalidade? Lideranças de Éfeso tentam resolver o problema de dois modos: a) solução pela via ilegal; b) solução pela via legal.

Pela via ilegal, Demétrio⁹, um fabricante de artesanato em ouro, tenta provocar um tumulto violento, confuso e ilegal, que postula o linchamento de Paulo e seus companheiros. Os adeptos da idolatria do lucro percebem claramente que o evangelho anunciado por Paulo desmascara e desmistifica a áurea religiosa que envolvia o mercado em Éfeso. Demétrio lidera uma campanha em defesa do mercado religioso que rende dividendos para uma classe à custa do empobrecimento de muitos. Trombeteia que não somente empregos estão em jogo, mas também o santuário do mercado “com fachada” religiosa. Uma propaganda enganosa e idolátrica se tornava cada vez mais ensurdecadora: “Grande é a deusa Ártemis dos efésios” (At 19,19.34). A repetição desta mentira mil vezes poderia torná-la palatável como verdade.

Este conflito nos inspira porque vivemos no meio de uma verdadeira idolatria do mercado e de um mercado religioso. Sabemos que quanto maiores são as angústias humanas maior a necessidade de agarrar-se a “uma tábua de salvação”. O terreno fica propício para a ação inescrupulosa dos mercadores do sagrado. Na religiosidade, seja ela popular ou com fachada de secularismo, a distância não é grande entre o Santo e a imagem do santo. O artesão fabrica somente a imagem, mas sabe que há uma relação estreita entre o Santo e a imagem. A competição

7. Em 2Cor 1,8 Paulo alude a perigos extremos que correu em Éfeso. Não parece que se trate destes incidentes a propósito dos ourives.

8. A designação do cristianismo como Caminho deve ter sido antiga (9,2; 19,9), pois se tratava de um modo de falar típico no judaísmo.

9. Demétrio parece ter sido o presidente da Associação comercial dos artesãos da prata. Cf. J. COMBLIN, *Atos dos Apóstolos, Vol. II: 13–28*. Vozes, Petrópolis, 1988, p. 102.

religiosa rebaixa todas as religiões e igrejas, porque elas se deixam orientar pelos desejos das massas. Desestabiliza algo estabilizado, gera crise e pode ser causa de conflitos sérios.

Pela via da legalidade, um magistrado da cidade, juntamente com os seus asiarcas (deputados do conselho regional da Ásia), propõe um processo legal, com audiências legais diante dos procônsules constituídos (At 19,35-40). Se existem queixas, existem também instâncias judiciárias. Que tudo seja feito dentro da ordem e do respeito às Instituições. “Além dos tribunais, existem as assembleias gerais do povo que são convocadas periodicamente e nas quais todos os homens adultos podem participar”¹⁰. No final do discurso do magistrado está a advertência de que a assembleia é ilegal, porque não foi convocada por autoridades competentes. Logo, pode suscitar represálias do poder romano. Defende-se a estratégia da infiltração diante do poder opressor, não o confronto.

Nos dois modos de resolver o problema podemos ver a diferença entre Massa e Povo. A Massa é a multidão sem fisionomia; age por emoção e impulsivamente por sugestão. Já o Povo é um grupo organizado e consciente que tem um projeto para a sociedade; age de modo consciente e planejado.

Por que o autor de Atos dos Apóstolos opta pela via legal? Como pano de fundo das comunidades cristãs sob influência de Paulo há um contraste: de um lado os pobres, famintos, perseguidos, aflitos (Lc 6,20-23) e de outro, os ricos (Lc 12,16-21) que se banqueteam sem se preocupar com a miséria (Lc 16,19-31). Para as comunidades lucanas era importante “não dar murro em ponta de faca”. Melhor infiltrar-se do que confrontar-se com uma força muitíssimo superior. Lucas é intransigente frente à opressão econômica realizada pelo Império Romano e à exigência ética do cristianismo, mas, para abrir brechas para o projeto de Jesus, não se nega ao diálogo cultural e político, a fim de canalizar para o bem a força histórica do mal. Lucas é duro contra os ricos e a riqueza (Lc 6,24), mas denuncia a idolatria do capital de um modo a cativar os ricos para abraçarem a causa de Jesus e dos pobres. Lucas percebe – como Paulo Freire fez em nossos tempos – que a melhor forma de amar os opressores é tirar das mãos deles as armas de opressão. Este pano de fundo ajuda-nos a entender por que o relato lucano opta pela legalidade.

O relato de Lucas nos mostra a opção pela via legal, contra o tumulto (At 19,41), pois o tumulto não favorece o projeto do movimento de Jesus; pelo contrário, segundo Lucas a legalidade romana é que favorece¹¹. Essa prioridade pela

10. J. COMBLIN, *Atos dos Apóstolos, Vol. II: 13–28*, p. 104. Se somente homens adultos podem participar, as pretensas assembleias gerais do povo não eram na prática gerais, pois as mulheres, as crianças e os escravos eram excluídos.

11. Por exemplo, é o tribuno romano quem salva Paulo da multidão que quer linchá-lo no Templo (21,27-40); é ainda o tribuno quem salva Paulo da conspiração de judeus que querem matá-lo (23,12-24); e, finalmente, Paulo apela a César para salvar a sua vida (25,1-12).

legalidade romana sobre o tumulto é que justifica a colocação do relato do tumulto em Éfeso depois que Paulo tomou a decisão de dirigir-se a Jerusalém. Esta narração deve ser interpretada dentro do relato da paixão de Paulo (At 19,21–28,31). Lucas quer mostrar o baixíssimo nível das massas politeístas e caracterizar o culto de Ártemis como pura confusão. É óbvio que Lucas defende o projeto de Jesus.

1.6 Dragão x Mulher em dores de parto (Ap 12,1-12)

Em linguagem simbólica para animar a quem está na luta, para não desistir e para driblar os opressores, o livro do Apocalipse apresenta a visão de uma mulher e de um dragão (Ap 12,1-12). No céu, uma mulher vestida de sol, com a lua sob seus pés e na cabeça uma coroa de doze estrelas, grávida e, em dores de parto, gritava. Apareceu um grande dragão, cuspidor de fogo, com sete cabeças, sete diademas e dez chifres. Sua calda devastava 1/3 das estrelas do céu. Diante da mulher, o dragão esperava a criança nascer para devorá-la. Após nascer, a criança foi arrebatada para junto de Deus e de seu trono e a mulher fugiu para o deserto, onde seria alimentada por Deus por 1.260 dias. Houve uma batalha no céu. O anjo Miguel e seus companheiros guerrearam contra o dragão e o venceram. Derrotado, o dragão foi expulso para a terra. No céu foi celebrada a grande vitória: a expulsão do dragão. Na terra, o dragão pôs-se a perseguir a mulher que deu à luz uma criança salvadora, e empreendeu perseguição feroz aos descendentes da mulher: os que observam os mandamentos de Deus e são testemunhas de Jesus.

Nas visões anteriores, o autor do Apocalipse parte do ano 33, ano do martírio e ressurreição de Jesus, para falar da caminhada da comunidade. No capítulo 12 de Apocalipse, o autor se encontra nos anos 90 do I século. O autor volta, simultaneamente, ao momento da criação e ao momento da vitória de Jesus sobre a morte. No momento da criação, Deus tinha pronunciado a sentença contra a serpente e anunciado a vitória à descendência da Mulher (Gn 3,1-19). Esta vitória acabou por se realizar no momento da morte e ressurreição de Jesus. A visão dos dois grandes sinais no céu – da mulher e do dragão – evoca a sentença de Deus contra a serpente depois da queda no paraíso terrestre, que não é saudade, mas esperança, segundo o biblista frei Carlos Mesters¹². Em uma perspectiva alegórica, podemos dizer que a mulher em dores de parto simboliza a vida, a humanidade, o povo de Deus, as comunidades perseguidas, a classe trabalhadora oprimida. Simboliza também Maria, a mãe de Jesus, e todas as mulheres que de alguma forma acreditam na força da vida. As dores de parto simbolizam o sofrimento que a humanidade suporta para defender a vida e fazer nascer vida nova. O dragão, na época em que o texto foi escrito, anos 90 do I século, simbolizava o Império Romano, que como um dragão cuspidor de fogo escravizava 1/3 da população e mantinha em semiescravidão outro terço. Empreendia guerras de conquista, por

12. Cf. o livro de Carlos Mesters, *Paraíso Terrestre: saudade ou esperança?* Petrópolis: Vozes, 1985.

meio das quais ia anexando territórios e submetendo povos e mais povos a esse poder que parecia invencível. O dragão recorda também a antiga serpente, aquela de Gn 3. Ele cresceu durante a história e virou dragão, bicho imenso. O dragão simboliza o poder do mal, a morte e tudo aquilo que oprime e sufoca a vida. Tem um poder muito forte. O dragão está diante da mulher para lhe devorar o menino que está nascendo, luta desigual entre vida e morte. Porém Deus toma posição em favor da vida. O texto de Gn 3,15 funda a esperança, pois a Mulher vai vencer. Deus intervém e defende a vida (o menino e a mulher). O menino nasce, vive, morre, ressuscita e sobe ao céu.

A mulher é levada para o deserto por Deus, onde é alimentada por Deus durante 1.260 dias. Trata-se de um número simbólico que indica o tempo (*kairós*) do fim. Deste tempo, só Deus sabe a hora e a duração exata. 1.260 dias é o mesmo que “um tempo, dois tempos, meio tempo” (Ap 12,14), o mesmo que quarenta e dois meses, ou três anos e meio, ou ainda metade de sete, que é o número perfeito. Metade de sete é imperfeito, ou seja, limitado pelo poder de Deus. Como vimos, o dragão é expulso do mundo de cima e cai no mundo cá de baixo. Para o Apocalipse, a história humana é como um grande julgamento. Deus está sentado no alto de seu trono, é o juiz, mas de infinito amor. Ao lado dele estão o promotor (satã) e o advogado (*goel*). O satã, que é o promotor, antiga serpente, sedutor de toda humanidade, tinha acusado a humanidade diante de Deus, mas Jesus, o resgatador (*goel*), pela sua morte e ressurreição anulou a acusação que pesava sobre nós. Por isso satanás perdeu a sua função de acusador. Com a vitória no mundo de cima, um cântico proclama a vitória e explica o sentido do que tinha acontecido: “foi expulso o delator que acusava dia e noite nossos irmãos diante de Deus” (Ap 12,10). Eles venceram o dragão pelo sangue do cordeiro, pois desprezaram suas vidas até a morte. Assim a morte não é vista como uma derrota, mas como uma participação na vitória de Jesus que realizou no mundo de cima. Essa vitória de Jesus no mundo lá de cima repercute no mundo cá de baixo. Devido a esta vitória, o dragão passa a perseguir os descendentes da mulher, as comunidades.

2 A resistência do povo da Bíblia diante dos grandes projetos

O povo da Bíblia não se resignou sob as agruras e o tormento dos grandes projetos, mas resistiu de várias formas. Diante do projeto de construir uma grande cidade e uma enorme torre, a de Babel, o povo respondeu com o projeto popular de povoar todos os territórios com reforma agrária, com socialização da terra. É o que defende a experiência bíblica do jubileu bíblico, narrada no livro de Levítico: “No 50º ano, cada um de vocês recuperará a sua propriedade. Vocês comerão o que o campo produzir” (Lv 25,10.13).

Quando Jesus apresenta sua plataforma de ação na sinagoga de Nazaré (Lc 4,16-21), ele proclama um Ano de Graça, ou seja, um Jubileu. No ano do Jubileu, toca-se o “berrante” (em hebraico “sofar”), que acontece no primeiro ano após

sete vezes sete anos. Neste Jubileu, todas as dívidas devem ser perdoadas; todas as terras devem voltar ao primeiro dono (aos ancestrais); todos os escravos devem ser libertados. Enfim, é tempo de se fazer uma reorganização geral na sociedade; tempo para recriar a vida e as relações humanas com fraternidade, solidariedade libertadora, reconciliação e novos sonhos.

Cinco experiências fundantes estão na base do Jubileu Bíblico:

1ª) *Experiência do Deus misericordioso e libertador* (cf. Ex 3,7-10). Quando o faraó no Egito era considerado um deus, o grupo hebreu de Moisés experimentou um Deus diferente, misericordioso e libertador. Isto está na base de uma nova convivência social igualitária.

2ª) *Experiência dos camponeses na Terra Prometida* (cf. Lv 25,1-7). Os pequenos camponeses descobriram que não podiam explorar a terra impunemente e indefinidamente. Eles sentiram a necessidade do Ano Sabático, isto é, de um repouso revigorador para a terra de sete em sete anos. Os camponeses descobriram que a terra é mãe e não pode ser tratada como prostituta. Eis aqui uma visão profundamente ecológica de quem quer ser fraterno com tudo e com todos.

3ª) *Experiência do Clã*. Para a família ampliada do povo no Primeiro Testamento bíblico, entre tantas coisas, duas eram sagradas: o valor da pessoa humana e o valor da terra (cf. 1Rs 21 e Lv 19,19). Aqui entra em função o *goel*, o resgatador, o libertador, o redentor. O irmão ou parente mais próximo devia resgatar o escravo. Na cidade, por motivo de dívidas, começou a ocorrer escravidão. O Império Romano escravizou meio mundo de pessoas devido às dívidas contraídas e não pagas.

4ª) *Experiência da Monarquia*. Dos muitos reis do povo da Bíblia somente três – Davi, Ezequias e Josias – escaparam das críticas ferrenhas dos profetas e das profetisas. A monarquia foi um desastre, porque se apropriou das pessoas e das terras. (cf. 1Sm 8,10-17 onde são descritos os pretensos direitos do rei: criação de um Exército permanente e profissional, escravização do povo, latifundiária das propriedades agrícolas em mãos de poucas pessoas.) Essa experiência desastrosa fez nascer e crescer no povo o desejo de um rei justo (cf. Sl 72), como Jesus de Nazaré.

5ª) *Experiência do/s Exílio/s*: No exílio da Babilônia, quando não tinha mais parente próximo para ser o *goel* (= resgatador), o povo de Israel começou a crer que Deus mesmo iria resgatá-lo. Começaram a valorizar o sétimo dia, como um dia de descanso, de reunião, para celebrar a vida, para preservar a memória do passado, pois quem perde a noção do passado complica o futuro. Resgataram a memória do Ano da Remissão (= perdão) das dívidas (cf. Dt 15,1-11) que visava possibilitar um recomeço de vida ao povo empobrecido e endividado, pois o sonho de Deus é que não existam pobres na sociedade (Dt 15,4), que não exis-

tam injustiçados, mas que todos sejam respeitados como cidadãos/ãs. Assim, por exemplo: fazer memória do Ano do Jubileu e do Ano Sabático gera esperança, acorda potencialidades adormecidas. Por exemplo, no Brasil, a palavra “quilombo”, ao ser pronunciada ou ouvida, tem o poder de nos recordar a capacidade de resistência do povo negro e de encher de novas energias.

Aos poucos, ficou difícil fazer o repouso da terra de sete em sete anos; mitigaram a proposta para o ano seguinte após sete anos vezes sete anos. Mas continua ecoando a profecia que está em Dt 24,6: “Não tome como penhor as duas mós do moinho, nem mesmo a mó de cima, porque seria o mesmo que penhorar uma vida”. Este versículo, meio legislação, meio instrução, quer orientar a conduta e as relações humanas em situações conflitivas e coloca a vida acima das dívidas, pois a vida humana (e dos animais e plantas) não pode ser jamais penhorada.

Jesus reintegra os excluídos ao proclamar o Ano do Jubileu pelo seu ensinamento libertador respaldado por uma prática amorosa e libertadora. Jesus foi condenado à morte, mas ele ressuscitou. Por isso, o ideal não morre. Com a ressurreição de Jesus as utopias jamais morrerão, os sonhos de libertação jamais serão pesadelos, a luta dos pequenos será sempre vitoriosa (ainda que custe muito suor e sangue) e as forças da Vida terão sempre a última palavra. Por mais cruéis que sejam todas as tiranias passarão!

Os primeiros zelotas, liderados por Sadoc e Judas de Gamla, convenceram o povo a não dar o nome no censo e a não pagar tributo. Era uma forma de resistir, fazendo desobediência civil.

Enfim podemos dizer que o Jubileu proclamado por Jesus é tempo para: reviver a experiência de fraternidade da origem, do tempo do deserto; recomeçar tudo de novo; refazer a História; resgatar as identidades humanizadoras; reintegrar os excluídos não em uma sociedade máquina de exclusão, mas em outra sociedade justa e solidária; redistribuir as terras fazendo reforma agrária popular e massiva; perdoar as dívidas interna e e(x)terna; redistribuir riquezas e rendas; restituir aos trabalhadores seus direitos roubados; voltar a conviver de modo fraterno com a nossa Mãe Terra, nossa única casa comum. Eis pistas para enfrentar os grandes projetos da atualidade.

3 Conclusão do início de uma reflexão

No livro de Eclesiastes, como fruto da sabedoria popular, afirma-se que há tempo para tudo. “*Há tempo para nascer, tempo para morrer...*” Como conhecer o tempo oportuno para tudo? É possível criar tempo oportuno? Eis a questão central de Ecl 3,1-15. O texto faz referência a um sentido teleológico, finalístico. Não se trata de tempo de X e tempo de Y. Trata-se de tempo para X e de tempo para Y. A sabedoria está em discernir qual é o tempo justo para tal ação e como agir. Não basta que a ação seja boa, é preciso que seja no momento oportuno, nem antes e

nem depois. É para se ter a sabedoria de agarrar a oportunidade quando ela aparece na nossa frente. Ou mesmo construir o tempo propício, kairós. Faz história quem age no momento adequado e quem vivencia o sentido mais profundo de cada momento.

Nos dias de hoje, parodiando o autor do Eclesiastes podemos dizer que há tempo para resistir, tempo para confrontar, tempo para infiltrar, tempo para se rebelar, tempo para enfrentar, tempo para hibernar e acumular forças, tempo para a formação de lideranças etc., mas certamente não há tempo para cruzar os braços, o que se revela em posturas de quem diz “não tenho nada a ver com isso”, “isso não me compete”, “está tudo dominado”, “nada mudará”. O Papa Francisco, em visita à Comunidade de Varginha, Manguinhos, na periferia do Rio de Janeiro, em 25 de julho de 2013, alertou: “*Não se cansem de trabalhar por um mundo justo e solidário! Ninguém pode permanecer insensível às desigualdades que ainda existem no mundo!... A Igreja, “advogada da justiça e defensora dos pobres diante das intoleráveis desigualdades sociais e econômicas, que clamam ao céu”* (Documento de Aparecida, 395), *deseja oferecer a sua colaboração em todas as iniciativas que signifiquem um autêntico desenvolvimento do homem todo e de todo o homem*”.

As cidades, a partir das metrópoles, estão se tornando cidades empresas com muitos megaprojetos, verdadeiras torres de Babel. A gula especulativa das grandes empresas e dos seus acionistas parece não ter fim. A pressão para verticalizar a cidade é imensa. Os pobres estão sendo expulsos para as periferias das periferias. A história, a cultura e a dignidade humana vão sendo tratoradas para dar lugar a arranha-céus, outras torres de Babel. Faz bem recordar que Deus criou, nas ondas da evolução, tudo em seis dias e, no sétimo dia descansou. Conta-se que alguém teria perguntado a Deus por que ele resolveu descansar após o sexto dia. Deus teria dito que já tinha criado tudo com muito amor e para o bem de toda a humanidade e de toda a biodiversidade. Quando viu que faltava criar a cidade, concluiu que era melhor descansar.

Enfim, o povo da Bíblia – não as massas – foi sábio, criativo e teve a coragem de enfrentar os grandes projetos, todos eles idolátricos, de modo sagaz, de forma que o que entrou para a história foi o povo e suas formas de resistência. Agora, na era do capital e do capitalismo neoliberal (neocolonial), o povo não está inerte, mas resiste diante de todos os grandes projetos que ameaçam as comunidades. Avante! Continuaremos a luta de muitas formas até depois da vitória.

Bibliografia

ARENS, E. *Ásia Menor nos tempos de Paulo, Lucas e João*. Aspectos sociais e econômicos para a compreensão do Novo Testamento. São Paulo: Paulus, 1998.

COMBLIN, José. *Atos dos Apóstolos*. Petrópolis: Vozes, vol. I, 1987; vol. II, 1989.

FITZMYER, J. *The Acts of the Apostles*. The Anchor Bible, Vol. 31. New York: Doubleday, 1998.

CROSSAN, J.D. *O Jesus Histórico, a Vida de um Camponês Judeu do Mediterrâneo*. Rio de Janeiro: Imago, 1994.

_____. *Quem matou Jesus?* Rio de Janeiro: Imago, 1995.

_____. *Uma biografia Revolucionária: Jesus*. Rio de Janeiro: Imago, 1995.

MANSILLA, Sandra Nancy. “Um jubileu na era da pós-modernidade – Sobre a necessidade de uma hermenêutica permanente. Leitura do discurso programático de Jesus na sinagoga de Nazaré” (Lc 4,14-30). *Revista de Interpretação Bíblica Latino-Americana / RIBLA*, n. 33, Petrópolis: Vozes, p. 150-160, 1999.

MEIER, J.P. *Um Judeu Marginal repensando o Jesus Histórico*. Rio de Janeiro: Imago, 1993.

MORIN, E. *Jesus e as estruturas de seu tempo*. São Paulo: Paulinas, 1984.

RICHARD, P. *O Movimento de Jesus depois da ressurreição*. Uma interpretação libertadora dos Atos dos Apóstolos. São Paulo: Paulinas, 1999.

SCHWANTES, M. *Projetos de esperança – meditações sobre Gênesis 1–11*. São Paulo: Paulinas, 2002.

THEISSEN, G. *O Movimento de Jesus: História social de uma revolução de valores*. São Paulo: Loyola, 2008.

WENGST, K. *Pax Romana, pretensão e realidade*. São Paulo: Paulus, 1991.

Belo Horizonte, MG, 30 de janeiro de 2014

Gilvander Luís Moreira
Comunidade Carmelitana Edith Stein
Rua Iracema Souza Pinto, 695
Bairro Planalto
31720-510 Belo Horizonte, MG
Fone: (31) 3494-1623
E-mail: gilvanderlm@gmail.com
www.gilvander.org.br – www.freigilvander.blogspot.com.br
www.twitter.com/gilvanderluis
Facebook: Gilvander Moreira